



Recensões

Szlezák, Thomas Alexander, *Ler Platão (Platon lesen)*, Loyola, São Paulo, 2005, 198 pp.

Após alguns anos de publicação chega ao Brasil a obra “Ler Platão” de Thomas Alexander Szlezák, filósofo alemão da escola de Tübingen sendo traduzida por Milton Camargo Mota.

A obra é uma coletânea de 27 artigos onde o autor faz uma introdução à nova interpretação de Platão e convida o leitor mesmo o não especialista a se aproximar dos “complexos problemas de hermenêutica” a fim de ele possa chegar a “uma interpretação dos escritos filosóficos de Platão que resista à sua crítica da crítica elaborada no Fedro” (p 10). Portanto, os platônicos e os filósofos brasileiros agora têm uma obra que na sua singularidade poderá ajuda-los a compreender porque a teoria dos Princípios é indispensável à compreensão da totalidade da filosofia de Platão.

A escola de Tübingen desde a década de 1950 vem aprofundando as “doutrinas-não escritas” (*ágrapha dógmata*) de Platão a fim de fazer emergir a totalidade da metafísica deste grande filósofo ocidental. Então, dentro deste quadro panorâmico no qual se constrói um novo paradigma hermenêutico, a obra “Ler Platão” é um marco pela sua simplicidade em abrir caminhos a fim de que o leitor possa penetrar neste novo horizonte interpretativo.

O autor situa a problemática afirmando que durante os séculos XIX e XX o paradigma interpretativo vigente foi elaborado pelo filósofo romântico e teólogo Friedrich Schleiermacher (1768-1834) que querendo facilitar para o leitor moderno a compreensão da leitura dos escritos de Platão enfrentou o problema da “forma para o conteúdo” dentro de um parâmetro romântico de tal forma que relativou alguns aspectos fundamentais presentes nos Diálogos como “o tema da ocultação e a retenção intencional do saber” (p 29) que são fundamentais para a compreensão da filosofia platônica, bem como não se defrontou com a “crítica dos escritos” presente no Diálogo *Fedro*.

Ora, para Szlezák, esta postura schleiermacheriana só revela o preconceito moderno de *antiesoterismo* que dificulta a verdadeira e completa hermenêutica da filosofia platônica e ao mesmo tempo aponta para a necessidade de uma releitura que considere a crítica dos escritos presente nos próprios Diálogos.

Então, o autor passa a apresentar como a escola de Tübingen através dos estudiosos Leon Robin, Paul Wilpert, Hans Krämer e Konrad Gaiser aceitaram o desafio em propor “uma interpretação esotérica” que levasse em conta as deficiências da escrita como Platão fala no *Fedro* (274 b - 278 e) e que segundo eles é “a chave para compreender a estrutura do diálogo platônico em geral” (p 69) fazendo, assim, despontar um paradigma alternativo de interpretação platônica

Szlezák toma o Diálogo *Fedro* como fonte principal a fim de relatar as duas atitudes assumidas por Platão na exposição de sua filosofia: a de orador e a de escritor. A oralidade e a escrita são dois aspectos de “um contínuo filosofar sobre os mesmos problemas com uma elevação gradual do nível argumentativo” (p 106), de forma que através dele Platão conduz didaticamente o seu “aprendiz” a um nível cada vez mais alto de compreensão filosófica, sem queimar as etapas necessárias deste longo caminho dialético. Daí a íntima sintonia entre a escrita e a oralidade.

Todavia, como a escrita não consegue alcançar o nível mais alto de inteligibilidade, o *philosophos* deve recorrer à oralidade para comunicar as “coisas de maior valor” ou *Timiotera*, e, assim fundamentar oralmente os seus escritos nas “passagens de retenção” através da teoria dos Princípios que Platão não quis deixar por escrito, mas que a leitura atenta dos Diálogos e o testemunho de Aristóteles na *Metafísica* afirmam a sua existência e importância para a compreensão de sua filosofia, bem como a deliberação platônica em deixar para depois “muitas coisas” que não eram possíveis serem expostas no presente.

Então, Szlezák, através de numerosos exemplos mostra a presença da teoria dos Princípios subjacente aos escritos e procura esclarecer os “mal-entendidos” da interpretação schleiermacheriana afirmando a dependência da escrita em relação à oralidade. Afirma

que isto não é uma concorrência interna na interpretação platônica, mas um enriquecimento e um esclarecimento de que as obras escritas “estão incluídas na crítica de tudo o que é escrito” (p 130).

Em seguida, Szlezák analisa a forma escrita para mostrar como ela é essencial para a compreensão do conteúdo filosófico enfatizando vários aspectos literários como a “ação contínua”, a “interrupção do diálogo narrado”, a “troca de interlocutor”, a “ironia”, os “mitos”, a “passagem do diálogo ao monólogo” e os interpreta como meios educativos utilizados por Platão para conduzir o “aprendiz” à ascensão filosófica.

Por fim, ele mostra que a decisão platônica em não confiar tudo à escrita, mas em reservar para a oralidade as “coisas de maior valor”, ou sua teoria dos Princípios é uma expressão filosófica, pois “o esoterismo é um ditame da razão” (p 181). O *philosophos* conhecedor das Idéias, oscila entre as coisas divinas e as coisas humanas, portanto, o conhecimento não se dá de uma única vez, mas passa por etapas desiguais e níveis diferentes. Assim, os escritos não podem ser a “apresentação completa de toda a filosofia de Platão” (p 185), mas caminhos que devem ser percorridos por aquele que aspira a filosofia ou o conhecimento dos Princípios. Logo, “os diálogos devem ser lidos como fragmentos da filosofia de Platão que apontam para além de si mesmos” (p 185).

Concluindo, podemos afirmar que esta obra é uma reflexão atenta de um filósofo conhecedor da metafísica platônica presente não só nos escritos mais também na oralidade e, portanto, como um professor dedicado introduz o leitor do mais simples ao mais complexo a fim de que ele conheça o novo paradigma interpretativo e passe a ler os Diálogos com uma nova ótica. O leitor poderá conferir.

Maria Celeste de Sousa
Doutoranda em Filosofia pela PUC-SP